

Editorial 3+

Sua análise da situação política e segurança no nível global



GLOBAL

Disputas entre os Estados Unidos e membros da OTAN pelos interesses na Groenlândia

REGIONAL

A nova onda do chavismo na Venezuela

LOCAL

Panorama dos GAO que podem migrar para a Colômbia após a tensa situação na Venezuela



Disputas entre os Estados Unidos e membros da OTAN pelos interesses na Groenlândia

Fonte: Townhall, 2025

A crescente relevância estratégica do Ártico colocou a Groenlândia no centro de um complexo cenário internacional.

Como a maior ilha do mundo, com uma extensão de 2,1 milhões de km² e a segunda maior camada de gelo do planeta, seu valor é duplo: sua localização é crucial para o controle de rotas emergentes e para a segurança global, e seu subsolo abriga recursos naturais de grande valor, como minerais críticos, petróleo, gás e um significativo potencial hidrelétrico (National Geographic, 2026). Politicamente, trata-se de um território autônomo dentro do Reino da Dinamarca, que administra seus assuntos internos, mas depende de Copenhague em matéria de defesa e política externa. O interesse histórico dos Estados Unidos pela ilha, exemplificado pela base de Pituffik e pelo antigo projeto Iceworm, ressalta sua visão da Groenlândia como um ativo vital para a defesa.

As declarações recentes sobre uma possível aquisição ou ação militar se inserem nessa percepção, agora intensificada pela competição por recursos e pelo derretimento acelerado do gelo (La Tercera, 2026). Esse interesse tem gerado tensão diplomática, com posições divergentes. Por um lado, uma declaração conjunta de líderes europeus (Alemanha, Itália,

França e Reino Unido) e do primeiro-ministro dinamarquês afirma que a segurança no Ártico deve ser alcançada de forma coletiva dentro da OTAN, respeitando a soberania e a integridade territorial, e enfatiza que “a Groenlândia pertence ao seu povo” (Oficina del primer ministro, 2026). Por outro lado, altos funcionários dos Estados Unidos têm justificado uma possível ação sobre a ilha como uma “prioridade de segurança nacional”, argumentando falhas na atual gestão regional (Los Andes, 2026).

Ações como a visita não coordenada a Pituffik em 2025 são percebidas pela Dinamarca como unilateralismo que ignora a consulta a um aliado. Considerando que ambos os países são membros da OTAN, esse desencontro representa um desafio sem precedentes aos princípios de consulta e defesa coletiva da Aliança. (El Confidencial, 2026).

Um cenário de conflito entre aliados da OTAN acarretaria considerações únicas. Militarmente, a disparidade de capacidades é avassaladora, e a presença prévia dos Estados Unidos facilitaria um eventual desdobramento. No entanto, as consequências iriam muito além: uma anexação desencadearia uma profunda crise diplomática com a Dinamarca. 3+ Editorial | Janeiro 2025 pg. 2



Dentro da União Europeia e em toda a arquitetura transatlântica, minando os fundamentos da OTAN. Um cenário de conflito entre aliados da OTAN acarretaria considerações únicas. Militarmente, a disparidade de capacidades é avassaladora, e a presença prévia dos Estados Unidos facilitaria um eventual desdobramento. No entanto, as consequências iriam muito além: uma anexação desencadearia uma profunda crise diplomática com a Dinamarca, dentro da União Europeia e em toda a arquitetura transatlântica, minando os fundamentos da OTAN. Em nível global, alteraria o equilíbrio no Ártico, intensificaria a competição com outras potências e estabeleceria um precedente perigoso (France24, 2026). Além disso, teria repercussões críticas: enquanto os Estados Unidos obteriam acesso a vastos recursos, a aceleração da atividade industrial e militar poderia agravar a crise ambiental, com impactos globais. Para a população groenlandesa, majoritariamente inuíte, surgiria um dilema entre possíveis benefícios econômicos e a perda de autonomia e identidade cultural. As autoridades locais têm minimizado essa possibilidade, refletindo o caráter disruptivo que tal cenário teria para a ordem internacional e a estabilidade regional (AS, 2026).



Regional

Na segunda-feira, 5 de janeiro, Delcy Rodríguez foi empossada como a primeira presidente da Venezuela, após a captura de Nicolás Maduro pela Delta Force dos Estados

Unidos e seu traslado para Nova York para ser julgado por narcoterrorismo e crime organizado. Esse fato representou mudanças e incertezas dentro da Venezuela e no cenário internacional sobre a forma como o país será conduzido. Da mesma forma, encontra-se em transição o rumo da política externa venezuelana segundo os Estados Unidos e a nova presidente Rodríguez, a quem o governo norte-americano tem apoiado em certa medida por sua capacidade de manter a estabilidade nacional e controlar as Forças Armadas Venezuelanas. Especialmente porque o comando nas mãos de Delcy e de Padrino López — por extensão do aparato militar — mantém o respeito do braço armado do Estado.

Isso continua sendo fundamental para a estabilidade, pois o Estado venezuelano passou de um regime personalista, como foi na primeira onda com Chávez, para ser sustentado por uma série de grupos que mantêm a coesão social estatal; embora existam vários grupos disputando a concentração desse poder, a estrutura continua se mantendo (La Silla Vacía, 2026). Isso pode inclusive ser interpretado como parte do objetivo dos Estados Unidos com a operação de extração de Maduro, que foi cirúrgica, sem ampla resistência e que deliberadamente deixou intacta a estrutura do Estado para evitar o desequilíbrio e o caos gerados pelo vazio inicial de poder.

A nova onda do chavismo na Venezuela



Fonte: El Litoral, 2026

Com isso, a nova onda do chavismo sob Delcy Rodríguez abre uma janela de oportunidade para uma eventual mudança no que se espera ser um período de transição — pois, embora a saída de Maduro não represente o fim do chavismo — permite certa flexibilização do autoritarismo e uma abertura econômica que Delcy já sugere ao defender acordos comerciais e energéticos com os Estados Unidos, ainda que denuncie a intervenção militar (uma dualidade que combina pragmatismo e continuidade).

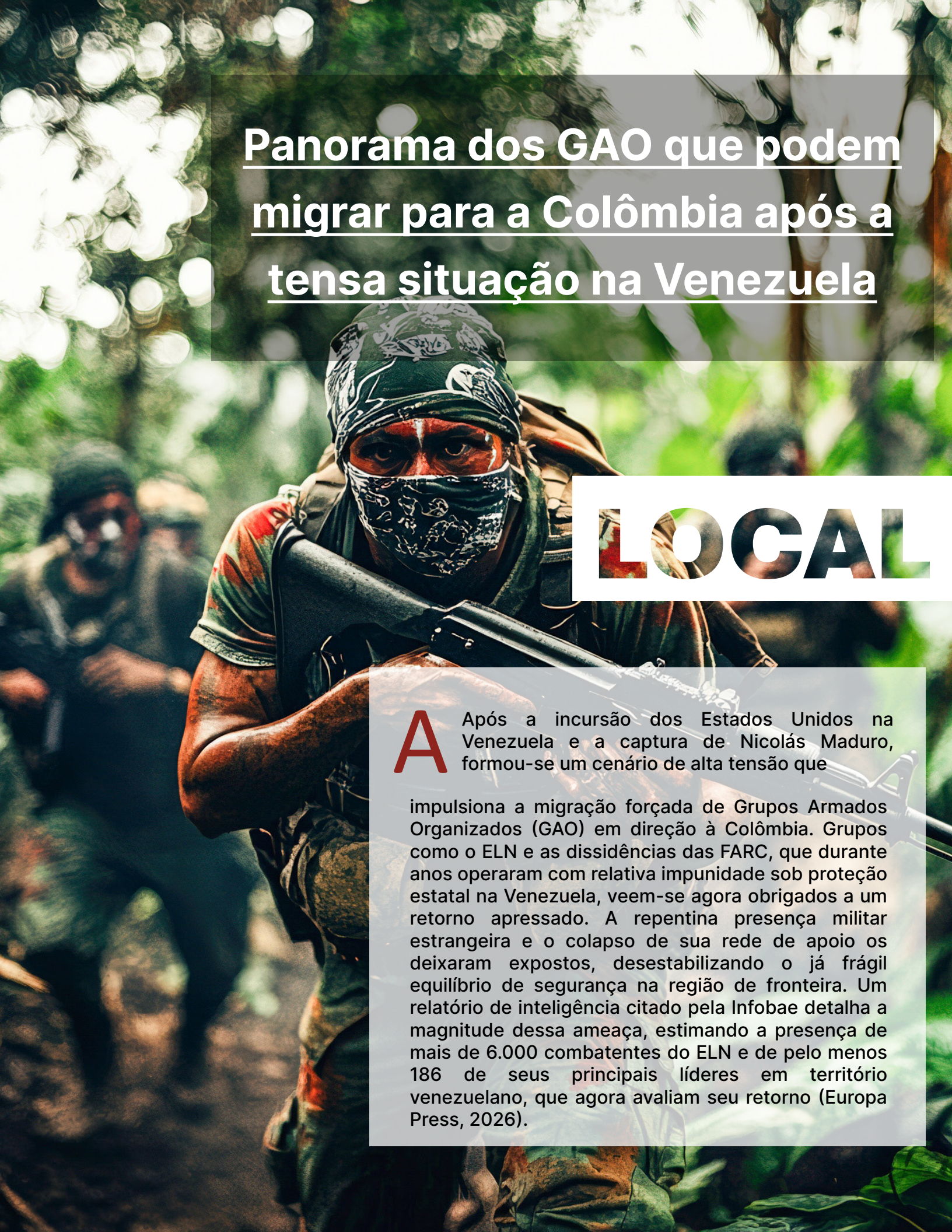
No entanto, é necessário recordar que Mike Johnson, presidente da Câmara dos Representantes e porta-voz dos republicanos no Congresso, explicou que a operação contra Maduro não configurava propriamente uma mudança de regime, mas tinha como objetivo exigir uma mudança de comportamento por parte do regime político venezuelano (EL MUNDO, 2026). Isso evidencia uma complexa relação de poder e interesses tanto do regime quanto do governo de Donald Trump.

Da mesma forma, por ora, ainda é muito frágil pensar em um avanço rumo a uma transição democrática, pois persistem a censura, a perseguição política, a violação sistemática de direitos fundamentais, a falta de transparência, a ausência de pesos e contrapesos e outros elementos-chave da liberdade e da ordem por meio da justiça, e não da violência. Isso ficou evidente, por exemplo, no cerco à imprensa por ordens de Rodríguez para manter a estabilidade e o controle do país, levando os jornalistas a um modelo de autocensura, enquanto os meios de comunicação tradicionais foram enfraquecidos ou fechados para sustentar a retórica do regime (EL MUNDO, 2026).

Em síntese, é possível observar que a nova onda do chavismo se vê respaldada, no curto prazo, por uma institucionalidade reestruturada após a crise, com um rígido controle interno e medidas de segurança e repressão clássicas do governo venezuelano para manter a estabilidade do Estado.

A close-up photograph of the American and Venezuelan flags. The American flag, with its stars and stripes, is on the left. The Venezuelan flag, with its horizontal stripes of yellow, blue, and red and two stars, is on the right. The flags are draped and folded, creating a textured, wavy appearance. A semi-transparent black rectangular box is overlaid on the right side of the image, containing white text.

Ao mesmo tempo, enfrenta grandes desafios para se manter no poder no médio e até no curto prazo, devido a uma estratégia dual de abertura de canais diplomáticos e comerciais com os Estados Unidos, enquanto se apegava aos ideais do chavismo e do madurismo; o que pode equilibrar a lealdade interna de agentes-chave como as Forças Armadas e representar um ponto de inflexão rumo a uma possível transição controlada. Por fim, vale destacar o papel de Diosdado Cabello como o principal agente disruptivo no plano norte-americano para a Venezuela e o maior obstáculo à estabilidade do regime atual em meio a tanta incerteza e volatilidade. Isso se deve especialmente ao fato de Cabello controlar o Serviço Bolivariano de Inteligência Nacional, a Direção-Geral de Contrainteligência Militar e grupos armados coletivos, como organizações paramilitares e insurgentes, consolidando-se assim como o fator decisivo e o maior entrave que o governo de Delcy Rodríguez e a política venezuelana enfrentam para se manter no poder (Infobae, 2026).



Panorama dos GAO que podem migrar para a Colômbia após a tensa situação na Venezuela

LOCAL

A Após a incursão dos Estados Unidos na Venezuela e a captura de Nicolás Maduro, formou-se um cenário de alta tensão que

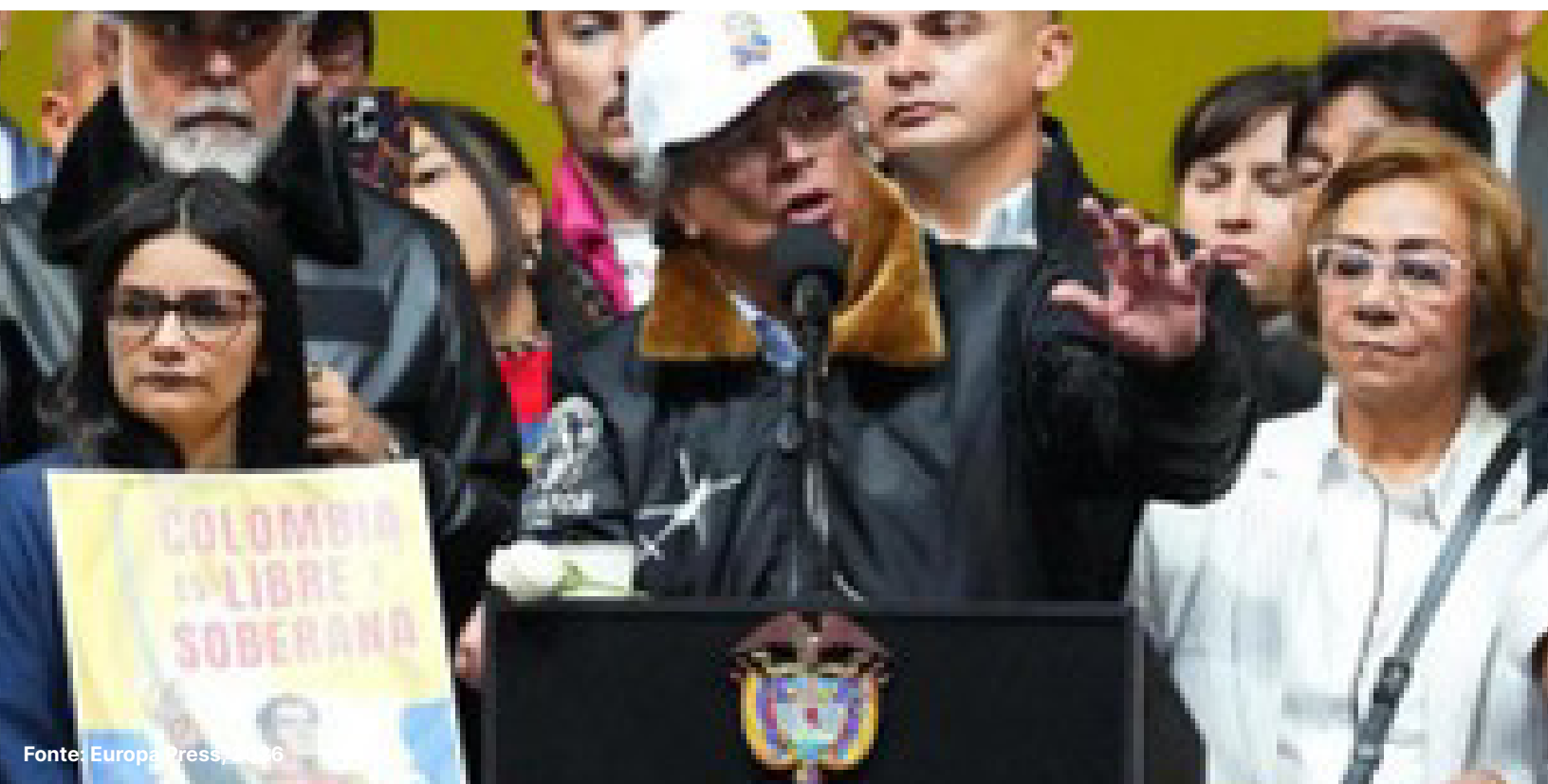
impulsiona a migração forçada de Grupos Armados Organizados (GAO) em direção à Colômbia. Grupos como o ELN e as dissidências das FARC, que durante anos operaram com relativa impunidade sob proteção estatal na Venezuela, veem-se agora obrigados a um retorno apressado. A repentina presença militar estrangeira e o colapso de sua rede de apoio os deixaram expostos, desestabilizando o já frágil equilíbrio de segurança na região de fronteira. Um relatório de inteligência citado pela Infobae detalha a magnitude dessa ameaça, estimando a presença de mais de 6.000 combatentes do ELN e de pelo menos 186 de seus principais líderes em território venezuelano, que agora avaliam seu retorno (Europa Press, 2026).

Diante dessa ameaça iminente, o Estado colombiano respondeu com um deslocamento militar preventivo. O Exército Nacional mobilizou 30.000 soldados ao longo dos 2.219 quilômetros de fronteira, priorizando as áreas críticas dos departamentos de La Guajira, Norte de Santander e Arauca (MSN, 2026). Essa operação, que inclui o reforço de pontos estratégicos como as pontes internacionais, busca conter a infiltração desses grupos armados e gerir a situação de segurança em meio a um fluxo migratório massivo. O objetivo é claro: proteger o território nacional frente a uma potencial reconfiguração violenta do crime organizado transnacional.

Esse desafio de segurança se torna ainda mais complexo devido à natureza binacional dessas estruturas. O ELN, em particular, opera como uma organização com infraestrutura e redes logísticas consolidadas em ambos os lados da fronteira, especialmente na região do Catatumbo (Colômbia) e no estado de Zulia (Venezuela), de onde administra o narcotráfico e suas operações armadas. De forma semelhante, a Segunda Marquetalia manteve refúgio e atividades econômicas ilícitas na Venezuela. De acordo com o presidente colombiano Gustavo Petro, isso tem representado uma ameaça à população, dada a

“De forma semelhante, a Segunda Marquetalia manteve refúgio e atividades econômicas ilícitas na Venezuela.”

mensagem mais recente de Iván Mordisco, líder das dissidências das FARC, que propôs uma cúpula do crime para enfrentar a operação militar norte-americana na Venezuela e, assim, formar o que ele considera um “bloco insurgente” de alcance regional (MSN, 2026). Portanto, o retorno desses grupos não representa uma simples realocação, mas a reativação de suas capacidades ofensivas dentro da Colômbia, o que antecipa um aumento dos conflitos territoriais entre grupos e um recrudescimento da violência nas zonas de fronteira.



REFERÊNCIAS

- AS. (2026, 9 de enero). Así es el poder militar de Groenlandia: ¿con cuántos soldados, aviones, carros de combate y barcos cuenta Dinamarca? AS.
<https://as.com/actualidad/politica/asi-es-el-poder-militar-de-groenlandia-con-cuantos-soldados-aviones-carros-de-combate-y-barcos-cuenta-dinamarca-f202601-n/>
- Barrera, H. D. (2026, 7 enero). Los movimientos del ELN en la frontera inquietan a Colombia tras la detención de Maduro. EFE Noticias. <https://efe.com/mundo/2026-01-07/el-n-venezuela-frontera-colombia/>
- Departamento del primer ministro (Dinamarca). (2026, 6 de enero). Fællesudtalelse om Grønland [Declaración conjunta sobre Groenlandia]. Gobierno de Dinamarca.
<https://stm.dk/statsministeriet/publikationer/faellesudtalelse-om-groenland/>
- El Confidencial. (2025, 28 de marzo). Qué es Pituffik: la base espacial que Estados Unidos tiene en Groenlandia y que Vance visitará este viernes.
https://www.elconfidencial.com/mundo/2025-03-28/que-es-pituffik-base-espacial-eeuu-groenlandia-1qrt_4096587/
- El Litoral. (2026, 9 enero). Transición en Venezuela: Delcy Rodríguez libera opositores y busca apoyo internacional. El Litoral.
https://www.ellitoral.com/internacionales/transicion-venezuela-delcy-rodriguez-libera-opositores-presos-politicos-apoyo-caida-maduro_0_JONfhfmN20.html
- Europa Press. (2026, 9 enero). Petro propone a Delcy Rodríguez unir sus ejércitos para combatir la eventual alianza de «Mordisco» y el ELN. MSN.
<https://www.msn.com/es-es/pol%C3%ADtica/gobierno/petro-propone-a-delcy-rodr%C3%ADguez-unir-sus-ej%C3%A9rcitos-para-combatir-la-eventual-alianza-de-mordisco-y-el-el-n/ar-AA1TUfuV?ocid=BingNewsSerp>
- France 24. (2026, 6 de enero). Líderes europeos dan un espaldarazo a la soberanía de Groenlandia y Dinamarca ante amenazas de Trump.
<https://www.france24.com/es/europa/20260106-l%C3%ADderes-europeos-dan-un-espaldarazo-a-la-soberan%C3%A1a-de-groenlandia-y-dinamarca-ante-amenazas-de-trump>
- Kobelinsky, F. (2026, 7 enero). “Diosdado Cabello es el principal saboteador del gobierno de Delcy Rodríguez”, advirtió James Story, ex embajador de EEUU en Venezuela. Infobae.
<https://www.infobae.com/venezuela/2026/01/07/diosdado-cabello-es-el-principal-saboteador-del-gobierno-de-delcy-rodriguez-advirtio-james-story-ex-embajador-de-eeuu-en-venezuela/>
- MSN. (2026, 4 de enero). Colombia desplegará 30.000 soldados en la frontera con Venezuela para mantener la seguridad.
<https://www.msn.com/es-co/noticias/other/colombia-desplegar%C3%A1-30000-soldados-en-la-frontera-con-venezuela-para-mantener-la-seguridad/ar-AA1TyOa>
- Mijares, V. M. (2026, 5 enero). “La captura de Maduro abre una oportunidad para un cambio eventual”. La Silla Vacía.
<https://www.lasillavacia.com/silla-nacional/la-captura-de-maduro-abre-una-oportunidad-para-un-cambio-eventual/>
- La Tercera. (2026, 9 de enero). Iceworm: cuando los estadounidenses ocultaban una base militar bajo el hielo de Groenlandia.
<https://www.latercera.com/mundo/noticia/iceworm-cuando-los-estadounidenses-ocultaban-una-base-militar-bajo-el-hielo-de-groenlandia/>
- Los Andes. (2026, 11 de enero). Donald Trump avanzaría "hasta donde sea necesario" para quedarse con Groenlandia, según su vicepresidente.
<https://www.losandes.com.ar/mundo/donald-trump-avanzaria-hasta-donde-sea-necesario-quedarse-groenlandia-segun-su-vicepresidente-n5976257>
- Rojas, A. (2026, 7 enero). El 'nuevo chavismo' de Delcy Rodríguez no quiere testigos y amordaza a la prensa. El Mundo.
<https://www.elmundo.es/internacional/2026/01/07/695d49a6e9cf4a90358b45af.html>
- Somos News. (2026). Primera mujer presidenta: así arranca la nueva etapa del chavismo en Venezuela.
<https://www.msn.com/es-mx/pol%C3%ADtica/relaciones-internacionales/primera-mujer-presidenta-as%C3%AD-arranca-la-nueva-etapa-del-chavismo-en-venezuela/ar-AA1TG1Gq?ocid=BingNewsSerp>
- Soto, B. E. (2026, 7 enero). ¿De quién es Groenlandia y por qué Trump tiene interés en ella? National Geographic España.
https://www.nationalgeographic.com.es/mundo-ng/cosas-que-debes-saber-sobre-groenlandia-su-importancia-para-mundo_23991